

**MOTIVO RELIGIOSO DA MATÉRIA E FORMA: OS ECOS DO
CETICISMO DA ANTIGUIDADE E SUA IMPLICAÇÃO NA PRODUÇÃO
ACADÊMICA EM ADMINISTRAÇÃO**

**RELIGIOUS REASON OF MATTER AND FORM: THE ECHOES OF ANTIQUE
SKEPTICISM AND ITS IMPLICATION IN ACADEMIC PRODUCTION IN
ADMINISTRATION**

Wanderklayson Aparecido Medeiros de Oliveira¹

Marcelo de Rezende Pinto²

Humberto Elias Garcia Lopes³

Resumo: Os estudos científicos, especialmente àqueles relativos às ciências humanas, apresentam uma importância significativa para a academia, uma vez que se sustentaram a partir de universo do conhecimento filosófico e epistemológico. Desse modo, o objetivo do presente ensaio é discutir como os ecos do ceticismo da Antiguidade são sentidos na produção acadêmica em Administração. Os motivos religiosos básicos, elencados a partir da ideia cosmonômica de Herman Dooyeweerd, constituem-se em chaves hermenêuticas para o próprio entendimento e interpretação da história, considerando-se a cultura e a ação humana em âmbito social ou individual. Na concepção grega, o motivo religioso considerava a matéria e a forma, em sua essência. Os estudos realizados para elaboração do presente ensaio permitiram concluir que ecos do ceticismo da Antiguidade são sentidos, ainda hoje, na produção acadêmica em Administração, permitindo, assim, afirmar que ela é influenciada, em alguma medida, pelo motivo religioso da matéria e forma.

Palavras-chave: racionalidade; matéria e forma; ceticismo; Administração.

Abstract: Scientific studies, especially those related to the human sciences, have a significant importance for the academy, since they were based on a universe of philosophical and epistemological knowledge. Thus, the aim of this essay is to discuss how the echoes of antiquity skepticism are felt in academic production in Administration. The basic religious reasons, listed from the cosmonomic idea of Herman Dooyeweerd, constitute hermeneutical keys for the understanding and interpretation of history, considering culture and human action in the social or individual sphere. In the Greek conception, the religious motive considered matter and form, in their essence. The studies carried out for the preparation of this essay allowed us to conclude that echoes of antiquity skepticism are felt,

¹ Doutorando em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor da Faculdade Santo Agostinho de Montes Claros. E-mail: wander@fasa.edu.br

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: marcrez@hotmail.com

³ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: heglopes@pucminas.br

even today, in academic production in Administration, thus allowing us to state that it is influenced, to some extent, by the religious motive of matter and form.

Keywords: rationality; matter and form; skepticism; Administration.

1. Introdução

O questionamento do homem acerca da realidade e em busca de conhecimento, o diferencia não só dos animais, mas também de outros homens. Ao estudar a realidade intelectual e universal, advinda da Antiguidade, verifica-se que Platão e Aristóteles procuraram reivindicar a validade do conhecimento. Platão apresenta uma distinção nítida entre conhecimento e opinião, destacando uma diferença inteligível entre o conhecimento que é universal e as opiniões que são particulares. Aristóteles, por sua vez, tenta corrigir essa abstração por meio de sua noção de desenvolvimento. Para ele, se a causa material, eficiente, formal e final de qualquer coisa é encontrada, conseqüentemente, também se encontra a sua razão. Contudo, o conhecimento, tanto para Aristóteles como para Platão, ainda é um conhecimento abstrato, já que qualquer coisa que não seja derramada no molde do universal não pode ser aceita como conhecimento (DURANT, 2000; VAN TIL, 2020).

Os estudos científicos, especialmente àqueles relativos às ciências humanas, apresentam uma importância significativa para a academia, uma vez que se sustentaram a partir de universo do conhecimento filosófico e epistemológico, considerando-se um terreno fértil para consolidação de sua força teórica (BOAVA & MACEDO, 2007). Ao observar os campos das ciências sociais, incluindo a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Política e a Psicologia, verifica-se que, mesmo sendo ciências, possuem objetos de estudos diferentes e diversificados. Tardamente, a Administração também foi se ajustando com uma ciência social aplicada (MA, 2014). Partindo-se dessa premissa, considera-se que os conceitos filosóficos constituem-se em importantes arcabouços para estudiosos da Administração, que objetivam adentrar em um espaço epistemológico efetivo, ao considerar a origem, o estado e o caminho percorrido pelos conceitos da área (MENEZES & MATOS, 2020). Além disso, a Administração é responsável por catalisar empreendimentos de qualquer espécie, considerando-se todos os povos, em todos os tempos históricos. Os grandes líderes na história da humanidade foram administradores em algum momento, uma vez que administraram nações, coordenaram explorações, dirigiram guerras, geriram os esforços de outros homens (SILVA, 2001).

Diante do contexto do conhecimento, emerge uma pergunta: Como levar a racionalidade aos estudos de Administração a partir dos antigos? Para a Filosofia, até mesmo um cético procura uma justificação racional para determinada crença, reforçando que a questão principal não é aquilo em que se crê, mas sim, em que se pode crer justificadamente. Ceticismo, do grego *sképsis*, significa investigação ou questionamento, podendo assumir, então, mais do que uma só forma, possuindo uma postura cética diante de todas ou de algumas justificações de crença (GEISLER, 2016). A partir do universo grego antigo, evidencia-se a busca por um fundamento de todas as coisas (*arché*). A questão cerne, presente nos mitos e ressaltada na Filosofia, da procura por uma essência é observável no “dualismo matéria e forma”. Poderia, assim, ser levantado um caso de um conflito religioso, no que diz respeito à ideia de origem, sendo que de um lado se organizam as antigas religiões da natureza e, de outro, a nova religião cultural dos deuses olímpicos (REICHOW, 2019). A parte da “matéria” se relacionaria às religiões da natureza, e a “forma” às religiões culturais. Esse ensaio tem o objetivo de discutir como os ecos do ceticismo da Antiguidade são sentidos na produção acadêmica em Administração, permitindo, assim, afirmar que ela é influenciada, em alguma medida, pelo motivo religioso da matéria e forma.

2. A autonomia da razão e os motivos-base

Ao considerar as prerrogativas de Aristóteles, evidencia-se que a principal distinção do homem em relação aos outros animais está na sua racionalidade. Exercitar-se racionalmente faz com que o homem transcenda sua condição natural de ser socialmente determinado, transformando-se num ator político (RAMOS, 1981). A racionalidade, que antes se baseava em crenças, tradições, valores éticos e divinos, próprios da natureza humana, era responsável por condicionar as ações humanas (CANÇADO, CARVALO & PEREIRA, 2011). Na produção acadêmica em Administração, a racionalidade está intimamente associada à capacidade de discernimento de propriedades, capaz de tornar possível o estabelecimento de relações e construtos argumentativos para defesa das crenças humanas e gerenciais. Ao legitimar essa relação, são construídos, pela ciência, vários princípios e critérios, com o objetivo de regulamentar a forma como um conhecimento se torna, de fato, verdadeiro, confiável e solidamente fundamentado (SANTOS, 2003). Assim, a reflexão filosófica e o estudo da epistemologia são capazes de propiciar a Administração formas profícuas de raciocínio para fortalecer sua produção acadêmica, considerando-se os principais problemas contingenciais que as ferramentas administrativas clássicas não são capazes de solucionar. Além

disso, pode-se induzir a academia a uma reflexão acerca dos modelos gerenciais amplamente difundidos (MENEZES & MATOS, 2020).

Aprofundando na temática, ao analisar a obra de Herman Dooyeweerd, percebe-se que ele sempre procurou compreender e expor, realmente, os limites e direcionamentos da atividade racional teórica, apresentada por ele não somente como pura, científica, epistemológica ou neutra, mas intrinsecamente ligada ao que ele vai nomear de “motivo-base religioso” (DOOYEWEERD, 2015). Seguindo a linha dooyeweerdiana, as diversas abordagens epistemológicas, que vão influenciar, sobremaneira a produção acadêmica em Administração, podem ser melhor entendidas a partir da tese dos motivos religiosos básicos. O entendimento profícuo de tal afirmação baseia-se em: (a) evitar o problema do historicismo; (b) minimizar o risco de reificar conceitos; e (c) ir ao âmago das abordagens epistemológicas, tratando-as como consequências de um modo de pensar e não como suas causas (LOPES, 2020). O problema do historicismo pode ser simplificado, considerando-se a linguagem filosófica, como uma consciência adotada a partir do postulado de que a história é somente uma multiplicidade sem unidade e um devir sem ser. Por isso, a Filosofia provoca reflexões sobre questões fundamentais, especialmente quando as teorias se tornam passivelmente fluídas. O objetivo dessas reflexões é, justamente, minimizar o risco de encarar conceitos em sua forma material ou concreta. Para isso, deve-se buscar algo realmente estável, que possa oferecer solidez aos construtos, ou seja, um ser no devir (SCHOLTZ, 2011).

Outro aspecto a se considerar sobre a produção acadêmica em Administração está associada ao fato de ter seu âmago na ciência e na tecnologia. Ambas advém da cultura moderna e pós-moderna, envolvendo um universo empirista e pragmatista, já que estão atreladas a pesquisas aplicadas. Nesse ínterim, evidencia-se a relevância da epistemologia, entendida como modo de pensar e não como causas de suas abordagens. Além disso, pode-se inferir que o conhecimento científico é, sumariamente, provisório, jamais acabado ou definitivo. Ele pode ser considerado tributário de um pano de fundo do qual emerge questões ideológicas, religiosas, econômicas, políticas e históricas, que devem ser vislumbradas a partir da razão (BOMBASSARO, 1992; TESSER, 1995). Ainda sobre a temática exposta, de acordo com Dooyeweerd, criou-se na modernidade uma autonomia da razão em que se compreende que o indivíduo humano pode agir de forma livre ou neutra, independente de compromissos extra filosóficos, chamados de compromissos pré-teóricos e suprateóricos, constituindo, desse modo, condição necessária para o surgimento de uma teoria. Pode-se, então, considerar que a ideia ou proposta de uma razão “pura” seria um mito, carregado de uma pretensa autonomia,

já que os impulsos humanos devem partir de um fundamento, ou *arché*, que se encontra entre os quatro “motivos-base” (SMITH, 2018).

Os motivos-base, forma-matéria (grego), criação-queda-redenção (cristã), natureza-graça (escolástico, medieval) e natureza-liberdade (humanista, iluminista), estão intimamente relacionadas devido à sua característica religiosa (DOOYEWEERD, 2015). Desse modo, o dogma da autonomia da razão se constitui como uma das mais importantes características da modernidade, propagando a ideia de que crenças religiosas dizem respeito, estritamente, a uma esfera privada da vida e que a produção intelectual nada tem a ver com essas crenças (REICHOW, 2019). Sobre essa perspectiva, o principal objetivo de Dooyeweerd é apresentar uma crítica do pensamento teórico como um todo, expondo sua irrefutável dependência de um absoluto, que se traduz em um aspecto religioso. Entende-se, portanto, que o dogma da autonomia da razão, propagado principalmente na modernidade, é um mito. Nenhuma atividade de cunho teórico, seja filosófica ou científica, incluindo aqui a produção acadêmica em Administração, é neutra em si mesma. Ela sempre vai obedecer à um direcionamento religioso básico. Nesse momento, faz-se necessário esclarecer a ideia de religião para Dooyeweerd. Para ele, trata-se do impulso inato da personalidade humana a dirigir-se à verdadeira ou a uma pretensa Origem absoluta de toda a diversidade temporal de significado, que converge, sempre, para si mesma (DOOYEWEERD, 1984).

A crítica inicial à autonomia da razão está centrada no fato de que o pensamento possui em sua raiz um motivo religioso básico, propenso a condicionar a vida de um sujeito e a sua relação com a realidade. Esses motivos religiosos advêm de um impulso existencial do coração humano que aponta para a transcendência ou absoluto. Uma vez que este impulso não seja satisfeito no coração, ele tenderá a colocar algum outro aspecto da realidade, de modo que este mesmo aspecto possa construir significado e sentido pela possibilidade de explicar toda a ordem temporal na qual o homem está inserido. Dooyeweerd concebe o ego como o centro de toda a atividade do pensamento. O ponto de partida do pensamento teórico relaciona-se com a direção concêntrica para o ego (coração), a raiz da existência humana. O ego se dirige à Origem absoluta – sua origem divina. O impulso religioso em direção à Origem determina o motivo básico (DOOYEWEERD, 2015). Além disso, os aspectos que podem ser tornados absolutos não são apenas de caráter religioso, mas podem se resumir a aspectos da realidade (modais), sociais (esferas de soberania) ou ideologias que pretendem conferir sentido à existência do indivíduo. A partir do exposto, percebe-se que o conhecimento científico, que vai sustentar a produção acadêmica em Administração, surge,

então, de uma tentativa de abstração da dimensão da realidade, a fim de fazer com que a lógica se torne cientificamente cognoscível.

Deve-se, portanto, compreender que as diversas teorias estão sujeitas a dois corolários: (a) nenhuma dimensão do cosmo, anteriormente abstraída, pode ser, efetivamente, a origem do próprio cosmos; (b) toda teoria baseada no contrário é, explicitamente, reducionista, reduzindo a pluralidade do real a apenas uma de suas dimensões. De tal procedimento, infere-se que o pensamento teórico pode ajudar no melhor entendimento de algumas facetas da realidade e influenciar a produção acadêmica em Administração; contudo, ele não é capaz de levar aos fundamentos, visto que essa forma de conhecimento abstrai e privilegia alguns aspectos da realidade, não sendo capaz de torná-la conhecida em sua totalidade (MATOS & VALLE, 2016; DOOYEWEERD, 2014).

3. O motivo religioso da matéria e forma

A partir dos pressupostos levantados até aqui, evidencia-se que Dooyeweerd, a partir de sua crença de estar sob a missão de reformar a razão, diferencia as concepções grega, cristã, escolástica/medieval e humanista/iluminista. Essas distintas concepções são relativamente baseadas na “ideia cosmonômica” dooyewwediana, que subsidia a realidade e sua lei, uma vez que partem de motivos religiosos abruptamente distintos, determinando a forma de viver a sociedade e a própria visão de mundo (DOOYEWEERD, 2015). Desse modo, verifica-se que o cerne da filosofia de Dooyeweerd baseia-se em fundamentos sobre a realidade (*cosmos*) e seu funcionamento (*nomos*), fazendo com que o pensamento teórico esteja, sobremaneira, condicionado à ideia cosmonômica, sendo, assim, incapaz de uma completa neutralidade. Os motivos religiosos básicos, elencados a partir da ideia cosmonômica, constituem-se em chaves hermenêuticas para o próprio entendimento e interpretação da história, considerando-se a cultura e a ação humana em âmbito social ou individual (SOUZA & PINHEIRO, 2021). Na concepção grega, o motivo religioso considerava a matéria e a forma. Trata-se, na verdade, de uma tensão dicotômica, na qual a matéria se associava a um fluxo vital repetido incessantemente até tudo perecer, enquanto a forma condizia com a harmonia e com o ideal deificado. Essa tensão emergente foi responsável pelo desenvolvimento da concepção grega de natureza e sociedade humanas, bem como suas implicações na construção teórica (DOOYEWEERD, 2015).

Ademais, na perspectiva de discutir a teoria que sustentaria a produção acadêmica em Administração, trazendo à tona estudos gramaticais e linguísticos sobre a religião e a cultura antiga da Grécia, tem-se que o grego antigo popular (*koiné*) apresenta a palavra

theoria como derivada do radical *theos* (deus), e o verbo teorizar possuindo o radical *thea* (deusa). Assim, percebe-se que a própria palavra teoria apresenta um conceito religioso, ou seja, o desenvolvimento de uma teoria é capaz de proporcionar a aproximação com o Absoluto – ou Divindade – em contemplação (STRONG, 1977). Os pensadores gregos alternavam entre o motivo da forma e o da matéria. Esse conflito, que era evidente entre os filósofos jônios, que favoreciam a matéria; e os eleáticos, que se fundamentavam na forma, encontrou estabilidade apenas em Platão, que pensou no mundo das formas que são as realidades ideais da matéria (CARVALHO, 2006). Evidencia-se, portanto, que o motivo básico da filosofia grega é resultado do encontro de duas tradições religiosas da Grécia antiga: a religião antiga pré-homérica da vida/morte e a religião cultural mais jovem dos deuses olímpicos (DOOYEWEERD, 2014). A primeira era uma religião primitiva de culto à natureza, ou o fluxo orgânico da vida e morte, que deificava a dimensão biológica/sexual da experiência. A religião mais nova cultuava a forma, centrando-se na beleza, na harmonia e na forma eterna (CARVALHO, 2006; DOOYEWEERD, 2015).

O motivo religioso da matéria e forma, que influencia a produção acadêmica em Administração, apresenta-se, ainda, sob um conflito relatado pelo contraste dos mitos dos deuses Dionísio e Apolo (o legislador). Dionísio diz respeito a um apego aos aspectos naturais deterministas evidenciados pelas colheitas e estações, pelo movimento dos astros e por um fluxo natural e circular da vida (*ananké*). Apolo, o legislador, tem seu culto configurado ao outro ponto de tensão do motivo religioso grego, chamado “forma”, em que há uma conjunção ao aspecto cultural da *polis* grega. Este entendimento representa a manifestação do próprio conceito do que seria o homem. A partir da existência de uma configuração religiosa dualista sobre a realidade, o homem não seria diferente, pois ele também seria a manifestação da tensão entre corpo (soma) e alma (*psyché*). Nesse contexto filosófico, o motivo “matéria” retira do homem a compreensão de um valor inerente à sua existência, tornando-o um subproduto de uma matéria sem forma. Em contrapartida, o motivo “forma” (*arché*) cujo o ideal de cidadania, liberdade e escravidão existente na *polis* regia a atuação do homem nesta mesma sociedade. Abstraindo-se o caráter romântico da Grécia Antiga e revelado o caráter absoluto da *polis*, o cidadão possuía apenas uma impressão de desenvolvimento e paz social (DOOYEWEERD, 2015).

Pode-se considerar, assim, o motivo grego como a composição de duas religiões gregas antigas, que assumiram sua importância na influência cognitiva da construção do conhecimento do passado. Mesmo considerando-se essas questões emergentes da Antiguidade, vislumbra-se sua presença marcante, capaz de influenciar, ainda hoje, tanto a

produção acadêmica em Administração, quanto a busca inquietante por uma nova definição humana, relativamente na superação do corpo nos jogos olímpicos (STRONG, 1977; CARVALHO, 2006). O motivo religioso da matéria e forma foi responsável, então, pela estruturação de toda a cultura e sociedade da Grécia Antiga. A dualidade existente entre a forma e a matéria provocou, no povo grego, a necessidade de se educar e buscar, com maior intensidade, a compreensão das formas harmoniosas (DOOYEWEERD, 2015).

4. Os ecos do ceticismo da Antiguidade

Pautada pelo princípio do motivo religioso da matéria e forma, tão importante na Antiguidade, a observação da racionalidade nos estudos de Administração também absorve os ecos do ceticismo. O ceticismo é uma das principais abordagens filosóficas, que se apresenta como forma de se desconfiar de verdades eternas e duradouras. O ceticismo não combate o conhecimento comum, seu foco é o pensamento dogmático (CLARK, 2013). Além disso, como Filosofia Helenística, pode ser considerado uma arte de viver, já que uma vida tranquila é seu principal objetivo, podendo, assim, levar à felicidade. A cultura ocidental, em sua maioria, é democrática e liberal, favorecendo, dessa forma, o pluralismo e a tolerância, elementos fundamentais para o estabelecimento de um ambiente propício ao desenvolvimento da mentalidade cética (MARCONDES, 2010). A origem do ceticismo está relacionada à evolução do pensamento, que considera que “nada nasce do nada”. Observa-se, então, que a tentativa inicial do espírito humano não objetiva refletir sobre sua capacidade ou considerar a consciência de seus limites, mas adentrar, ousadamente, na descoberta do mundo exterior. O cético é, dessa forma, um homem que se prova de adotar e formular opiniões dogmáticas acerca de questões, eminentemente, ditas obscuras, mas que são, objetos de esforço dos filósofos (VERDAN, 1998).

No contexto da discussão, verifica-se que o termo "acadêmico" acabou por se tornar, embora de forma imprecisa, sinônimo de "cético", dando origem ao que se conhece como ceticismo acadêmico. Já, o ceticismo antigo, ou ceticismo pirrônico, foi uma doutrina filosófica, pautada na incapacidade do ser humano de chegar a uma verdade pronta e definitiva. Segundo seus pensadores, não havia algum critério para se estabelecer uma conclusão acerca da verdade em si, o que levaria à necessidade de o ser humano resguardar-se em um constante estado de dúvida, mantendo-se seus juízos acerca das coisas do mundo suspensos. Pirro pertenceu àquela linhagem de filósofos, tais como Sócrates, para

quem a Filosofia não se constituiu apenas como doutrina, teoria, ou saber sistemático, mas, especialmente, uma prática, uma atitude, um *modus vivendi* (SOUZA FILHO, 1994).

A forma de ceticismo, explicitada anteriormente, tem sua base na visão de que a Filosofia busca sabedoria que, por sua vez, inclui conhecimento de realidades relevantes para viver uma vida boa e proveitosa. Os cétricos acadêmicos, então, suspendiam o julgamento sobre todas as coisas, inclusive sobre a própria tese cética. Nesse contexto, Descartes busca o conhecimento adotando a dúvida metodológica, ou seja, parte da ideia de que conhecimento requer certeza. Sendo logicamente possível estar enganado sobre algo, o indivíduo poderia, então, não conhecer o objeto em questão. Descartes partiu do cogito para corroborar com o conhecimento de Deus, da lógica, da matemática e do mundo externo. Um ponto crucial de suas teorias, é que ele aceitou o ônus da prova contra o cético. Para ele, o indivíduo não conhece algo a não ser que o prove contra o cético, sendo assim, existe a necessidade do conhecimento como forma de completar certeza para ser qualificado como tal (MORELAND; CRAIG, 2005).

O ceticismo, advindo da Antiguidade e que ecoa na produção acadêmica em Administração, caracteriza-se, portanto, como um procedimento segundo o qual os filósofos em sua busca da verdade se defrontaram com uma variedade de posições teóricas (o dogmatismo). Estas posições encontram-se em conflito (*diaphonia*), uma vez que são mutuamente excludentes, cada uma se pretendendo a única válida. Dada a ausência de critério para a decisão sobre qual a melhor das teorias, já que os critérios dependem eles próprios dessas mesmas teorias, todas se encontram no mesmo plano, dando-se assim a *isosthenia*, ou equipolência. Por fim, diante da impossibilidade de decisão, o cético suspende o juízo e, ao fazê-lo, descobre-se livre das inquietações (SOUZA FILHO, 1994). A modernidade seria, dessa forma, influenciada tanto pelo ceticismo quanto pelos Acadêmicos e Pirrônicos, já que representa o conflito de doutrinas e a ausência de um critério objetivamente argumentativo e racional, capaz de defender uma das posições, constatando, assim, como um conflito. A *diaphonia* não depende apenas da natureza efetiva de leitura de textos filosóficos cétricos, mas da caracterização de uma problemática filosófica mais ampla, a partir de uma atitude frente aos problemas filosóficos ou teóricos, em geral (MARCONDES, 2010).

5. Conclusão

Diante do exposto neste ensaio, pode-se concluir que ecos do ceticismo da Antiguidade são sentidos na produção acadêmica em Administração, permitindo, assim, afirmar que ela é influenciada, em alguma medida, pelo motivo religioso da matéria e forma.

O constante estado de busca por verdades últimas e definitivas perturbava as pessoas, que, inquietas, queriam encontrar algo impossível de ser encontrado. Para Pirro, a vontade de conhecer e estudar as coisas não deveria ser acompanhada por aquela vontade por uma verdade definitiva, mas por uma singela vontade de entender como as coisas estão dispostas no momento em que as conhecemos. Somente assim, é possível atingir algum estado de paz interior que levaria a pessoa à felicidade (MORELAND; CRAIG, 2005). Paralelamente a essa análise, debruçado sobre os motivos religiosos da cultura ocidental, Dooyeweerd reconhece motivos religiosos no pensamento ocidental, apesar de admitir a possibilidade de outros, sendo o motivo religioso da matéria e forma a base sob a qual se construiu este trabalho. Diante disso, evidencia-se que, para ele, todo pensamento é vinculado, não neutro, pois possui um motivo religioso (ou existencial) básico. Dooyeweerd procurou não associar, na sua crítica àqueles que tornam absoluto os aspectos criados, o absolutismo de um conceito seu. Mesmo sendo teísta, esta filosofia não poderia atribuir a Deus este caráter concêntrico, pois, além de desqualificar a humanidade, tornaria o assunto extremamente transcendente e subjetivo (DOOYEWEERD, 2015).

Além disso, a partir do presente ensaio, durante a exposição do pensamento filosófico de Herman Dooyeweerd, foi possível consolidar uma nova compreensão acerca dos limites que permeiam a razão humana. Os resultados, compartilhados pelo autor, permitiram incorporar uma significativa contribuição para o entendimento da produção acadêmica em Administração. Foi possível verificar que a Filosofia, além de ter um papel fundamental na formação do pensamento administrativo, desde sua gênese, pode corroborar com as certezas mais comuns da Administração, a partir de uma reformulação crítica de seus conceitos. Tomando-se como referência os pontos apresentados, pode-se concluir que a concepção dooyeweerdiana tem muito a contribuir no debate filosófico em geral e, especificamente, para as ciências sociais, na qual se inclui a Administração. Mesmo não tendo esgotado as possibilidades que permeiam a vasta temática apresentada, estabelece-se que as discussões abarcadas por este estudo podem trazer aspectos autorreflexivos e autocríticos conscientes acerca dos motivos religiosos, especialmente aquele representado pela matéria-forma, tornando possível, dessa forma, um diálogo aberto entre participantes das diversas convicções divergentes (KRAAY, 2015).

Referências

Boava, D.L.T.; & Macedo, F.M.F. (2007). Constituição ontoteleológica do empreendedorismo. In *XXXI EnANPAD*. Rio de Janeiro: Anais do XXXI Encontro da Anpad.

Bombassaro, L. C.(1992). *As Fronteiras da Epistemologia*. Petrópolis: Vozes.

Cançado, A. C.; Carvalho, J. E. F. B.; & Pereira, J. R. (2011). Gestão e Racionalidade: Análise da Metodologia de Incubação de Cooperativas Populares da ITCP/NESOL/UFT. *Redes (St. Cruz Do Sul Online)*, 16(3), 5-27.

Carvalho, G. (2006). O dualismo natureza/grça e a influência do humanismo secular no pensamento social cristão. In *Cosmovisão cristã e transformação*. Viçosa: Ultimato.

Clark, G. H. (2013). Filosofia do conhecimento. In *Uma visão cristã dos homens e do mundo*. Brasília: Editora Monergismo, 269–306.

Dooyeweerd, H. (1984). *A New Critique of Theoretical Thought*. Ontário: Paideia Press, 1.

Dooyeweerd, H. (2014). *Estado e soberania*. São Paulo: Vida Nova.

Dooyeweerd, H. (2015). As raízes da cultura ocidental. In *Raízes da cultura ocidental: As opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 20-54.

Durant, W. (2000). *A história da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural.

Geisler, N. (2016). O que é o conhecimento? In *Introdução à filosofia: Uma perspectiva cristã*. São Paulo: Vida Nova, 87-176.

Kraay, J. (2015). Prefácio do tradutor. In *Raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 242-246.

Lopes, H. E. G. (2020, novembro). Epistemologia. [Slides do Powerpoint]. Recuperado de: <https://pucminas.instructure.com/courses/32077/pages/secao-de-estudo-1-a-epistemologia-e-suas-origens>. Acesso em 19 dez. 2021.

Ma, J. F. (2014). Se a Administração é Ciência, qual seu objeto de estudo?. In *VII ENEO*. Gramado: Anais do VIII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD.

Matos, G. D. S.; & Valle, B. (2016). In *Introdução ao Pensamento Jusfilosófico de Herman Dooyeweerd*. *Tabulae Revista de Philosophia*, 10(20), 9-36.

Marcondes, D. (2010). *Iniciação à história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Menezes, R. A. G., & Matos, L. B. S. (2020). Philosophy of administration: classical approaches of administration in the light of philosophical thought. *Research, Society and Development*, [S. l.], 9 (2).

Moreland, J., & Craig, W. L. (2005). Epistemologia. In *Filosofia e cosmovisão cristã*. Vida Nova, 95-218.

Ramos, A. G. (1981). *A nova ciência das organizações*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

Reichow, J. K. (2019). *Reformai a vossa mente*. Brasília: Editora Monergismo.

Santos, B. S. (2003). *Reconhecer para Libertar. Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3.

Scholtz, G. (2011). O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, 4(6), 42–63.

Silva, R. O. (2001). *Teorias da Administração*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

Smith J. K. A. (2018). A Crítica da razão “pura” de Dooyeweerd. In *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: Estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília: Editora Monergismo.

Souza, E. B.; & Pinheiro, V. S. (2021). Estado e soberania na filosofia protestante: Uma introdução ao debate holandês do século XX. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, 13(1), 129-147.

Souza Filho, D. M. (1994). O Ceticismo antigo: Pirronismo e Nova Academia. *Revista de Ciências Humanas*, 11(15), 85-95.

Strong, J. (1977). *Dicionário Bíblico: Hebraico, Aramaico e Grego*. Michigan: Editora Baker Books.

Tesser, G. J. (1995). Principais linhas epistemológicas. *Educar*, Curitiba, 10, 91-98.

Van Til, C. (2020). History of Epistemology in general. In *Reformed Epistemology*. Disponível em: <https://presupp101.files.wordpress.com/2019/05/van-til-reformed-epistemology.pdf>. Acesso em 19 dez. 2021.

Verdan, A. (1998). *O Ceticismo Filosófico*. Florianópolis: Editora da UFSC.